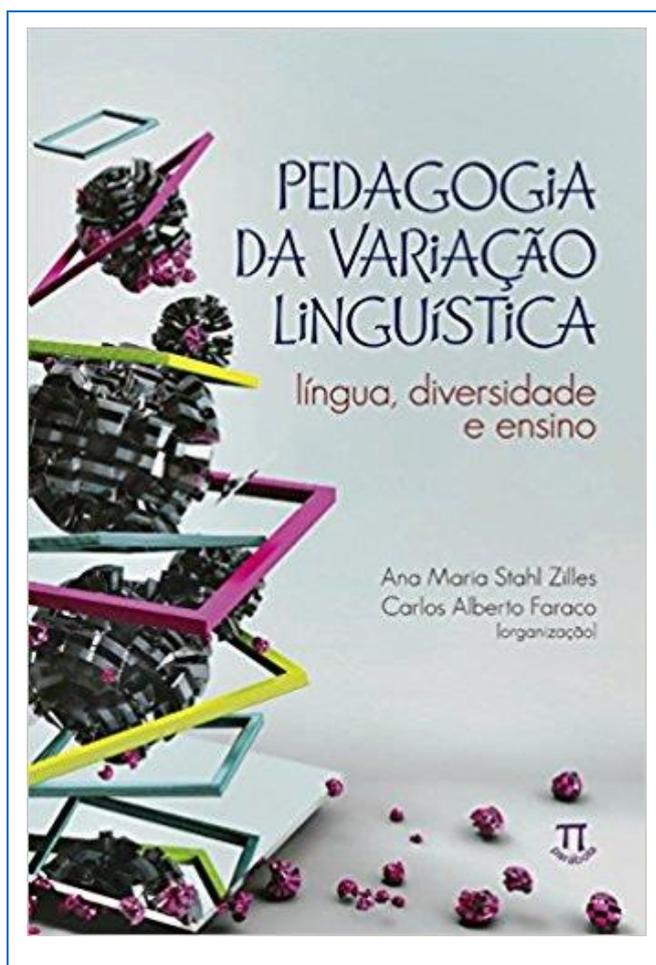


Resenha do livro “Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino”

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.



Autoras da resenha

Cristina de Souza Prim

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.
Professora da Univ. Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Curitiba.
Brasil
cristinaprim@gmail.com

Sabrina Casagrande

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.
Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Realeza.
Brasil
sabrina.casagrande@uffs.edu.br

Para citar esta resenha:

PRIM, Cristina de Souza; CASAGRANDE, Sabrina. Resenha do livro “Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino”. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 176 - 181, maio/ago. 2017.

DOI: 10.5965/1984724618372017176

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724618372017176>

A necessidade de a escola propor um ensino de português pautado nas reflexões sobre a variação linguística já não é novidade nem no meio acadêmico nem nas escolas. Mesmo que muitos professores ainda sigam relutantes na mudança e defendam com unhas e dentes o ensino da norma curta (como Faraco costuma se referir aos preceitos dogmáticos que se sustentam na cultura do erro), sabemos que essa realidade se encolhe cada vez mais. Mas o que ainda estamos, talvez, longe de alcançar é tanto o fim das reações negativas ao falarmos de variação linguística (basta lembrarmos das reações em 2011 à publicação do livro didático “Por uma vida melhor”) quanto um ensino de português em que não haja apenas um par de aulas para se falar de variação linguística, ou que se encontre esta discussão em apenas um capítulo do livro didático. Precisamos de um ensino todo pautado por essa consciência da variação linguística e que a considere não uma realidade apenas na modalidade oral, mas também na escrita. Precisamos, então, de um ensino que substitua a pedagogia do “erro” pela pedagogia da “variação linguística” (FARACO, 2008). É neste cenário que surge o livro “Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino”, organizado por Zilles e Faraco e lançado em 2015.

A despeito das inúmeras pesquisas que têm mostrado a diversidade linguística em vários aspectos da gramática do Português Brasileiro e de outras tantas que têm sugerido formas de como abordar/considerar a variação linguística na escola, esse assunto ainda está bastante obscuro na prática escolar dos professores que temos formado no Brasil. Isso é o que nos mostra o artigo de Agostinho e Coelho, no capítulo quatro do livro, e como demonstram os professores em atuação na Educação Básica, com quem temos tido contato no caminho da formação em Letras. Por conta disso, o livro em questão aborda, ao longo de dez capítulos escritos por diferentes autores e organizados em quatro partes, o tema da pedagogia da variação linguística de diferentes formas, de modo a contribuir tanto para a formação de professores, dos Ensinos Fundamental e Médio, quanto para oferecer um olhar teórico e metodológico para o professor já atuante na escola, que busca tratar o ensino de gramática de forma menos idealizada, fugindo, então, da norma curta.

Vejamos resumidamente cada uma das quatro partes do livro. Na primeira parte, intitulada “Variação e práticas escolares”, busca-se explicar o percurso histórico que gerou a perspectiva normativista de olhar para a língua e apresentar relatos que sinalizam para a possibilidade de trabalho com a pedagogia da variação linguística, ideia essa que perpassa toda a discussão do livro. A segunda parte, “Variação em foco e suas implicações pedagógicas”, explora modos de compreender as relações entre três fenômenos exemplificativos da variação linguística, a saber, a concordância verbal, a concordância nominal e o uso de “onde” como articulador de orações, e o papel da escola em ensinar a norma culta considerando a variação como realidade da língua. Já a terceira parte, que tem como título “Variação linguística no domínio público”, procura discutir como a variação linguística é compreendida pelo ENEM, pela mídia e pelos livros didáticos destinados ao Ensino Médio. Por fim, a última parte trata dos “Olhares acadêmicos sobre a variação linguística e preconceito”, trazendo tanto reflexões sobre a prática em cursos de Letras quanto a respeito da educação linguística quando estamos diante de falantes que consideram uma de suas línguas ilegítimas.

Podemos ler este livro com outro na mão: “Ensino de Português e Sociolinguística”, organizado por Martins et. al. (2014). Há uma complementaridade entre estes livros; ambos trazem questões sobre sociolinguística e ensino de língua que são cruciais. No primeiro capítulo, Martins et. al. discutem sobre os conhecimentos acumulados ao longo dos anos pelos estudos sociolinguísticos brasileiros e como estes podem contribuir com o ensino de português. Dentre tais contribuições, os autores destacam três: a definição de conceitos básicos para tratamento adequado dos fenômenos linguísticos, o reconhecimento da pluralidade de normas brasileiras e o levantamento refinado de semelhanças existentes entre a norma culta e a norma popular, o que complementa o conteúdo trazido no primeiro bloco do livro organizado por Zilles e Faraco, em que Faraco fala do histórico de criação da postura normativista e da falta de conhecimento, por parte da sociedade, da história e da realidade sociolinguística nacionais, situando o ensino no entremeio desses conflitos. Já os dois primeiros capítulos da segunda parte do livro de Zilles e Faraco, escritos, respectivamente, por Agostinho & Coelho e Simões & Soares, ganham ainda mais se lidos

após o capítulo “Variação morfossintática e ensino de português”, do livro de Martins et. al. Um terceiro ponto de aproximação é a discussão trazida em ambos a respeito dos livros didáticos. Ambos apontam para a superficialidade com que os livros didáticos tratam a variação linguística, mas no capítulo escrito por González, presente em Zilles e Faraco, vemos que não é uma questão de produzirmos novos livros, pois há boas opções no mercado, e sim, de forma geral, de estas boas opções não serem adotadas pelas escolas por não refletirem a crença dos profissionais que ali trabalham. Ou seja, novamente precisamos admitir que o discurso acadêmico ainda não pulou os muros da universidade.

A segunda parte do livro organizado por Zilles e Faraco é a que mais diretamente discute a variação linguística relacionada ao ensino de gramática, e por isso gostaríamos de dar um pouco mais de atenção a esta parte. Mais especificamente, ela trata da variação na concordância verbal com os pronomes nós/a gente, na concordância nominal de número e no uso de articuladores. No último capítulo da segunda parte, escrito por Zilles e Kersch, temos uma reflexão interessantíssima sobre como as prescrições gramaticais, exemplificadas pelo uso de “onde”, que seria aceitável, de acordo com a norma curta, apenas quando a referência é a um lugar físico, são tomadas como proscritões, ou seja, como demonização do uso e conseqüente estigmatização do usuário. As autoras recuperam estudos anteriores que mostram que Camões já utilizava a palavra “onde” sem retomar lugar físico. Também no dicionário Houaiss, observamos que a palavra “onde” pode se referir a domínios não geográficos, o que justifica seu uso em muitos casos condenados pelo prescritivismo. Ou seja, quando fazemos esta “correção” no texto dos alunos, o que estamos fazendo, afinal?

Pensamos, por isso, que esta segunda parte é a que mais diretamente nos dá subsídios para mostrar como a variação linguística está presente no uso que fazemos da língua e, especialmente, no uso que os alunos fazem dela. Se o professor compreende as formas que os alunos trazem para a escola e compreende que esses usos são decorrentes dos contextos de onde são provenientes esses alunos, o que a segunda parte mostrou de forma bastante clara, certamente não usará atitudes proscritivas, demonizando os usos linguísticos de seus alunos que não estão de acordo com a prescrição. Mais que isso,

conhecer as variantes dos alunos possibilita ao professor planejar um ensino de gramática que proporcione a ampliação da competência comunicativa dos alunos, aspecto essencial no ensino de língua, como mostram, entre tantos, Görski e Coelho (2009), dentro dos domínios da sociolinguística, e Antunes (2014), sob um ponto de vista sociointeracionista da língua.

Ainda que tenhamos ressaltado a importância da segunda parte do livro, é essencial destacar que cada uma das partes em que se divide este livro é primordial para a construção da consciência sobre a variação linguística e, por consequência, para a desconstrução da pedagogia do erro. Para além de um olhar puramente linguístico, este livro também nos mostra o quanto é necessário que o professor parta do contexto de vida do aluno para promover a educação sociolinguística, não só mostrando a ele que as variantes que ele usa têm valor, mas também mostrando como a mídia, por exemplo, ao trabalhar com as variantes, atribui-lhes valores positivos ou negativos, o que traria ao aluno consciência crítica de que quando a novela trabalha uma variante diferente, é comum tratar-se mais de um reforço de estereótipos do que uma forma de dar representatividade a variantes regionais.

Por fim, gostaríamos de indicar este livro a docentes e alunos dos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia, pois o tratamento da variação linguística em sala de aula e a postura de um ensino de gramática que leve em conta esta temática é essencial para estas duas áreas de formação.

Referências

ANTUNES, I. **Gramática contextualizada**: limpando o “pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola, 2014.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, v. 10, n. 1. p. 73-91. jan./jun., 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73/12022>>. Acesso em 27 de out. 2016.

MARTINS, M.A.; VIEIRA, S.R.; TAVARES, M.A. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

Recebida em: 01/05/2017
Aprovada em: 01/08/2017

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Revista *PerCursos*
Volume 18 - Número 37 - Ano 2017
revistapercursos@gmail.com